

**3º Encontro de Professores de Jornalismo do Paraná e 1º Encontro PR/SC**  
**Grupo de Trabalho 2 - Atividades de Extensão**  
**Coordenador: Maria Zaclis Veiga (Unicenp) - Guarapuava/PR, de 5 a 7/10/2007.**

*Jornal do Paraíso: Quando o fazer provoca um pensar sobre o jornalismo*

LACERDA, Juciano de Sousa<sup>1</sup>

NOERNBERG, Priscila<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto expõe algumas considerações sobre a implantação do Projeto de Extensão *Jornal do Paraíso*, no bairro Jardim Paraíso, em Joinville (SC), a partir de percepções sobre o processo de síntese cultural que se opera na interação entre o jornal comunitário e as lideranças envolvidas em sua rotina de produção. Essa síntese produz uma reflexão, por parte dos membros do conselho editorial, sobre o “fazer” jornalístico. O projeto surgiu a partir da reivindicação da própria comunidade e é realizado pelo Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom) do Curso de Comunicação Social do Bom Jesus/IELUSC [[www.ielusc.br/necom/](http://www.ielusc.br/necom/)].

**Palavras-chave:** jornalismo comunitário, *Jornal do Paraíso*, síntese cultural, extensão.

### **1. Iniciativa da comunidade**

A busca por desconstruir dentro do próprio bairro a representação da imagem local, originada nas notícias da cobertura realizada pelos grupos de mídia da cidade de Joinville (SC), foi o motivo para que lideranças do Jardim Paraíso, localizado a 15 km do centro, procurassem o Curso de Comunicação Social da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, em março de 2007, para pedir apoio na produção de um jornal local, produzido pelos próprios moradores. A comunidade já discutia a idéia desde o início de 2006. A oficialização da proposta ocorreu com um anteprojeto, em que apresentavam a seguinte justificativa:

O Bairro Jardim Paraíso sofre continuamente com a fama de Bairro mais violento de Joinville, esta fama se propaga devido o ataque contínuo da mídia que age com parcialidade vendo apenas a violência, que de fato tem assustado muita gente, porém, violência não é a única coisa que acontece por aqui, quem mora aqui, sabe que apenas uma minoria da população desocupada e envolvida com o tráfico é responsável por esta fama. [trecho da *Justificativa*, Projeto *Jornal Paraíso*, março 2006]

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC e pesquisador do Núcleo de Estudos da Comunicação (Necom) e orientador-coordenador do projeto de extensão *Jornal do Paraíso*. Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: [juciano@ielusc.br](mailto:juciano@ielusc.br).

<sup>2</sup> Bolsista de iniciação científica do Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom) no Projeto de Extensão *Jornal do Paraíso*. É aluna do 6º Período do Curso Comunicação, habilitação Jornalismo, no Bom Jesus/IELUSC. E-mail: [pri.noernberg@hotmail.com](mailto:pri.noernberg@hotmail.com).

A proposta era criar um jornal comunitário para o qual a própria comunidade pudesse gerar informação local e trocar experiências, promover ética, cidadania e gerar intercâmbio entre ações das organizações locais. Entre março e junho de 2007, ocorreram várias reuniões no próprio bairro. O Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom) do Bom Jesus/IELUSC assumiu o diálogo com a comunidade e recebeu apoio do Núcleo de Expressão Gráfica (Negra). As lideranças deram as linhas sobre o perfil editorial e a identidade gráfica do jornal. Com o nome de “Jornal do Paraíso”, decidiram por um jornal tablóide mensal, com oito páginas, capa/contra-capa e páginas centrais em cores. O Conselho Editorial foi composto por 11 moradores, representantes das associações de moradores; assistência social; Igrejas de várias denominações; conselho de segurança local; educação; meio ambiente; serviços públicos; comunicação; educação infantil; comércio e indústria; saúde. Como o bairro apresenta uma população de aproximadamente 17 mil habitantes, a incidência dos três mil exemplares ainda não pode ser medida. A estratégia de distribuição é pautada nas famílias, a partir de pontos estratégicos como as equipes de saúde da família.

## **2. O processo de *síntese cultural* na produção**

A metodologia de produção se estrutura em reuniões mensais para discussão de pautas e avaliação, em que participamos (professor-orientador e bolsista de jornalismo) em atitude de escuta, com poucas intervenções. Os representantes trazem as pautas de suas áreas de atuação e decidem o tema principal. Há um prazo final para os textos, que são revisados por nós e sofrem um processo mínimo de edição. O resultado é apresentado na reunião de fechamento. A pré-diagramação dos textos é comparada com os originais pelo conselho, que aprova as mudanças ou pede adaptações. Há uma última revisão gráfica e de ortografia antes da impressão. Estão previstas avaliações trimestrais e capacitações continuadas do conselho editorial, além de capacitações na área de produção de textos e fotografia, para jovens que queiram se iniciar na prática do jornalismo comunitário, com expectativas de desenvolver suas habilidades e competências comunicativas no *Jornal do Paraíso*.

A produção do *Jornal do Paraíso* não enfrenta o problema de *falta de competência técnica* (PERUZZO, 1998), todos os colaboradores da comunidade se comprometem com os prazos de produção, fechamento e publicação (tabela 1).<sup>3</sup> Nas três edições, o *conteúdo*

<sup>3</sup> Estes dados foram apresentados em um artigo anterior (LACERDA & NOERNBERG, 2007), com a apresentação das concepções teóricas com base nos *limites e possibilidades da prática da comunicação comunitária ou popular*

*foi explorado* de modo plural: tivemos reportagem sobre contação de história na forma de revista em fotonovela infantil, reportagens com histórias de vida, dicas de saúde alimentação e palavras cruzadas. Ao mesmo tempo, essa pluralidade buscou evitar o *instrumentalismo* (PERUZZO, 1998) do jornal. Podemos dizer que o JP está no limite, há reportagens e notícias de tom mobilizador, mas as linguagens não são instrumentalizadas com o intuito de “passar idéias” das lideranças do bairro.

**Tabela 1 - Prazos cumpridos nas três primeiras edições**

Edição	Pauta	Entrega Material	Avaliação	Publicação
1 - JULHO	05 de junho	19 de junho	26 de junho	05 de julho
2 - AGOSTO	02 de julho	17 de julho	02 de agosto	04 de agosto
3 - SETEMBRO	06 de agosto	17 de agosto	23 de agosto	01 de setembro

A *síntese cultural* (FREIRE, 1987) em que o professor de jornalismo e a bolsista têm um conhecimento específico que interage e produz trocas com o conhecimento da comunidade se reflete no processo de *apropriação dos meios técnicos* (PERUZZO, 1998) da produção jornalística por parte do conselho editorial. Esse processo de apropriação será estendido para a comunidade na forma de oficinas de texto (notícias, artigos, resenhas) e fotografia. As trocas constantes nas rotinas de pauta, reportagem, edição, diagramação, fechamento e publicação apontam uma aproximação das lideranças comunitárias com o *fazer* do jornalismo que se articula com um *saber* novo que os leva a *pensar*, a produzir juízos, sobre essas práticas na mídia tradicional, cujos conceitos se materializam em suas falas: credibilidade, linguagem, foco, verdade, valor-notícia, coerência, objetividade, seletividade, filtragem e pluralidade (LACERDA & NOERNBERG, 2007).<sup>4</sup>

### 3. Do *fazer* ao *pensar* o jornalismo

Percebidos os conceitos nas entrevistas realizadas anteriormente com outros objetivos (LACERDA & NOERNBERG, 2007), decidimos angular aqui tais aspectos. Há três meses o *Jornal do Paraíso* tem feito parte da vida de moradores do Jardim Paraíso, seja como leitor, colaborador, anunciante ou conselheiro editorial. E esta aproximação gera “influências de ação social, da ação ideológica e da ação cultural sobre o conteúdo e a forma das notícias” (SOUSA, 2002:100). Com a continuidade do

propostos por Círculo Peruzzo (1998); no ideal de imprensa comunitária em que *o jornal defende os interesses da comunidade, é por ela produzido e a ela dirigido* (GOMESa, 1990); numa articulação entre “saber, fazer e pensar”, com ênfase no *pensar* (GOMESa, 2001), em que a postura é de “síntese cultural” (FREIRE, 1987).

<sup>4</sup> Resultado de entrevistas realizadas com os membros do Conselho Editorial para o artigo apresentado na III Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, Universidade Metodista, São Bernardo do Campo, em 18 de setembro de 2007.

projeto, a própria “instituição” *Jornal do Paraíso* e os demais membros da comunidade tendem a interagir no processo. Para que a interação perdure é preciso ter credibilidade nas informações que se lêem. Clóvis de Barros Filho destaca que a verdade “se constitui como uma norma que garante o desenvolvimento do processo comunicativo entre o codificador e o decodificador” (2003: 38). Como forma de gerar *confiança* no leitor-fonte, padre Dejacir Pinho, representante das igrejas no conselho comunitário, revela não se ater à linguagem no momento em que está elaborando o texto, mas ao *foco* e ao *contexto*. “A partir do momento que se tem confiança naquele jornal, a abordagem ao entrevistado é melhor. As pessoas falam mais e com maiores detalhes”, assegura.

Outro membro do conselho, Sueli Alves Castanha, enfermeira, questiona a verdade midiática como garantia do desenvolvimento do processo comunicativo nos meios de comunicação. “A mídia comercial dá *apenas um enfoque negativo* aos fatos, os expõe de maneira conveniente para eles mesmos, não traz a *verdade*”, diz Sueli. Representante do comércio e indústria no conselho, Manuel Francisco Bento define como democrática a atuação do conselho editorial e acentua, como exercício da cidadania, o poder de decisão que lhes cabe. “Como cidadão é uma satisfação muito grande poder decidir o que sai ou não no jornal. A grande mídia é geralmente voltada ao próprio dono, enfatizando o que interessa a ele, não ao cidadão. Nós temos a garantia de que sairá algo realmente importante a partir do momento que nós, membros da comunidade, avaliamos o conteúdo”, justifica.

A partir da socialização na produção de um jornal comunitário, outros problemas como a *falta de coesão e objetividade* — apontados por Nelson Traquina (2005) como um dos princípios fundamentais do jornalismo — também surgem nas críticas feitas à grande mídia. Oziel Marian, coordenador do jornal,<sup>5</sup> afirma que umas das preocupações do conselho editorial refere-se à linguagem utilizada nos textos publicados no jornal. “Como o leitor nem sempre tem facilidade para compor uma leitura fluente, tentamos colocar, ao máximo, palavras semelhantes com as da fala. A coerência e objetividade devem estar na mente daquele que escreverá”, expõe Oziel. Tal interpretação se aproxima do conceito de *simplificação* apresentado por Traquina: para fugir da ambigüidade e reduzir a natureza polissêmica do acontecimento “o jornalista têm a obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender” (2005:91).

---

<sup>5</sup> Ele foi escolhido pelos próprios membros do conselho para exercer o papel de coordenador.

#### 4. Algumas considerações

Essas percepções dos integrantes do conselho nos fazem questionar: afinal qual é o papel do jornalista? É a redescoberta desse papel que antevemos como contribuição do projeto de extensão para o curso de Jornalismo. Quando o padre Dejacir afirma “estar se sentindo *quase um jornalista*”, já que, para ele, o conselho é “quase uma *comunidade destes profissionais*”, pois as pessoas têm o jornal sob seus cuidados, percebemos que algumas lições à prática comunitária podem oferecer subsídio para repensarmos a profissão de jornalista. Os membros do conselho estão desenvolvendo um importante papel social para o bairro e reconhecem que *acolhem e filtram* as informações das fontes. Alberto Dines pergunta: “o jornalismo é mesmo uma profissão ou um estado de espírito?” (1986: 118). A experiência comunitária tem o estado de espírito, o que indica que o jornalismo precisa aliar a profissão a esse estado, muitas vezes esquecido diante das pressões do campo político ou do mercado (GOMES<sup>b</sup>, 2004: 173).

#### 5. Referências bibliográficas

- BARROS FILHO, Clóvis (2003). *Ética na comunicação*. São Paulo: Summus.
- DINES, Alberto (1986). *O papel do jornal*. São Paulo: Summus.
- FREIRE, Paulo (1987). A teoria da ação antidialógica. In: \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 121-184.
- GOMES<sup>b</sup>, Wilson (2004). O controle político da comunicação. In: \_\_\_\_\_. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, p. 171-198.
- GOMES<sup>a</sup>, Pedro Gilberto (1990). *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas.
- GOMES<sup>a</sup>, Pedro Gilberto (2001). A comunicação não-manipuladora e a construção da cidadania. In: \_\_\_\_\_. *Tópicos de teoria da comunicação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p. 101-114.
- LACERDA, Juciano de S. e NOERNBERG, Priscila (2007). *Notícias do Paraíso: considerações sobre os três primeiros meses de um jornal comunitário realizado em projeto de extensão do IELUSC (SC)*. In: III Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, São Bernardo do Campo: UMESP, 18 de setembro de 2007, Anais..., 15 p.
- PERUZZO, Cicília M. K. (1998). *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Editora Vozes.
- SOUSA, Jorge Pedro (2002). *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó (SC): Argos.
- TRAQUINA, Nelson (2005). *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*, v. 2. Florianópolis: Ed. Insular.